

# **A REQUALIFICAÇÃO DO FORTE DE TAMANDARÉ (PERNAMBUCO)**

Maria do Carmo Ferrão Santos\*

**RESUMO:** Este artigo trata da atuação da urbanização moderna no processo de reforma do Forte de Tamandaré (Pernambuco). A referida fortificação foi construída entre 1668 e 1814. Com o passar do tempo e apenas se submetendo a pequenas reparos, o Forte ficou bastante danificado, porém, nunca deixou de ser visitado pela população local e turistas. A partir de 2015, o PRODETUR, IPHAN, FUNDARPE e BIRD, promoveram a sua requalificação, que foi inaugurada em 27 de julho de 2017, com apenas parte das metas concluídas. Essa nova roupagem do Forte, embora satisfaça a contemplação dos turistas, gerou um certo conflito entre os nativos, já que esperavam uma restauração que preservasse a sua integridade arquitetônica.

**PALAVRAS-CHAVES:** Forte de Tamandaré; Requalificação; Turismo.

## **The requalification of the Fort of Tamandaré (Pernambuco)**

**ABSTRACT:** This article deals with the role of modern urbanization in the process of reform of Fort Tamandaré (Pernambuco). This fortification was built between 1668 and 1814. Over time and only undergoing minor repairs, the fort was badly damaged, but never failed to be visited by local people and tourists. From 2015, PRODETUR, IPHAN, FUNDARPE and IBRD, promoted its requalification, which was inaugurated on July 27, 2017, with only part of the goals completed. This fort's new garb, while satisfying tourists' contemplation, generated a certain conflict among the natives, as they expected a restoration that would preserve their architectural integrity.

**KEYWORDS:** Tamandaré Fort; Requalification; Tourism.

## **La requalificación del Fuerte de Tamandaré (Pernambuco)**

**RESUMEN:** Este artículo trata sobre el desempeño de la urbanización moderna en el proceso de reforma del Fuerte Tamandaré (Pernambuco). Esta fortificación fue construida entre 1668 y 1814. Con el paso del tiempo y solo sufriendo pequeñas reparaciones, el Fuerte fue muy dañado, sin embargo, nunca dejó de ser visitado por la población local y los turistas. A partir de 2015, PRODETUR, IPHAN, FUNDARPE y BIRD impulsaron su recalificación, la cual fue inaugurada el 27 de julio de 2017, con solo una parte de las metas cumplidas. Esta nueva mirada del Fuerte, si bien satisfizo la contemplación de los turistas, generó cierto conflicto entre los indígenas, ya que esperaban una restauración que conservara su integridad arquitectónica.

**PALABRAS CLAVE:** Fuerte Tamandaré; Recalificación; Turismo.

\*Mestra e Doutora em Oceanografia Biológica. Analista Ambiental do Instituto Chico Mendes de Conservação da Biodiversidade/ Ministério do Meio Ambiente. Atualmente professora e pesquisadora de temas históricos sobre Tamandaré. Fundadora da Academia Tamandareense de Letras e Artes. Fundadora do Canal Historiando Tamandaré. Contato: Av. Dr. Leopoldo Lins, 171, Centro, CEP. 55578-000, Tamandaré-PE, Brasil. E-mail: maria-carmo.santos@icmbio.gov.br

## O Forte de Tamandaré: patrimônio histórico e cultural

O Brasil ao ser dividido em Capitânicas Hereditárias, em 1534, foi uma estratégia política adotada pela coroa portuguesa para a colonização e o lucrativo e diversificado comércio. Em 1630, os holandeses invadiram as vilas de Olinda e Recife, ampliando sua conquista pela Capitania. A Insurreição Pernambucana foi iniciada em 15 de maio de 1645, quando dezoito líderes insurretos luso-brasileiros assinaram compromisso para lutar contra o domínio holandês, tendo como principais lideranças: André Vidal de Negreiros, João Fernandes Vieira, Henrique Dias e Filipe Camarão. Foi um movimento que teve a participação, principalmente, de senhores de engenhos e colonos, até que conseguiram a expulsão dos holandeses em 1654.<sup>1</sup>

A defesa das povoações pernambucanas passou a ser feita geralmente por construções do tipo redutos, trincheiras e fortes, na tentativa de proteger a Capitania dos ataques de inimigos e, assim, garantirem a manutenção da soberania portuguesa, principalmente nas atividades econômicas, administrativas, religiosas e militares.

Visando proteger a baía de Tamandaré e os engenhos de cana-de-açúcar existentes no litoral sul de Pernambuco, o Forte de Tamandaré teve a sua construção iniciada por João Fernandes Vieira em 1668, sendo a última etapa concluída 146 anos depois. A última grande restauração ocorreu entre 1904 e 1905, portanto, com o passar do tempo o Forte ficou parcialmente em ruína, mas não deixou de ser visitado pela população local e turistas. A partir de 2015, o PRODETUR realizou uma requalificação, que foi inaugurada em 27 de julho de 2017.

Tamandaré é uma praia localizada no litoral sul de Pernambuco, à 105 km da capital Recife e, possui cerca de 23.388 habitantes<sup>2</sup>, podendo, na alta estação, chegar a 100.000 pessoas. Foi emancipada em 28 de setembro de 1995 e, tem no turismo a sua principal vocação.

Na reforma do Forte de Tamandaré, os arquitetos não demonstraram compromisso em restaurá-lo preservando o antigo, nem a memória de fatos nele ocorridos. Ao terem descaracterizado parte importante desta fortificação histórica, motivou um certo conflito com os nativos. Embora reconhecendo que a reforma foi positiva para o Forte não se depreciar ainda mais, a população que tem neste monumento um local histórico para a compreensão da nossa identidade e um imenso elo afetivo, entende que a originalidade do Forte deveria ter sido preservada para o conhecimento das futuras gerações.

O objetivo deste trabalho é mostrar o quanto seria positivo se os engenheiros e arquitetos tivessem elaborado o projeto de restauração do Forte de Tamandaré, preservando a estrutura

original do mais importante patrimônio histórico deste município e, desta forma poderia fomentar ainda mais o turismo no litoral sul de Pernambuco.

As informações utilizadas para o desenvolvimento deste trabalho foram oriundas de pesquisas bibliográficas retiradas de artigos e sites especializados; da vivência direta da autora, que por seis décadas tem participado diretamente dos mais variados eventos relacionados ao Forte de Tamandaré, além de ser uma pesquisadora de temas históricos deste município.<sup>3</sup> Também teve o aporte metodológico subsidiado por narrativas informais de tamandareenses, que ao se reunirem em diversas oportunidades para discutirem assuntos diversos, porém, sempre que tiveram espaço comentaram sobre a insatisfação com as reformas impostas.

Depois da saída dos holandeses (1654), sob o comando de João Fernandes Vieira, em 1668 teve início a construção do Forte de Tamandaré.<sup>4,5</sup> Esta fortificação nunca foi utilizada em batalhas contra os holandeses, como é comum as pessoas falarem, embora tenha tido uma participação ativa em diversos outros eventos importantes.

Seu principal objetivo foi defender os engenhos do litoral pernambucano e a baía de Tamandaré, tida como um dos melhores portos naturais do litoral brasileiro e sempre abrigava embarcações portuguesas que poderiam ser atacadas por outros países. Uma fortaleza era uma proteção necessária e foi idealizada pelo engenheiro Francisco Correia Pinto Montenegro, que iniciou a sua construção, num terreno plano, à 250 metros de distância do mar, em frente à Baía de Tamandaré e a Boca da Barra, única entrada para grandes embarcações, que fica à cerca de 2 km de distância.

A construção foi executada em várias etapas:<sup>6</sup>

1ª) entre 1668 e 1691 – embora parcialmente construído, foi inaugurado e teve registrado o ano de 1691 sobre o acesso de entrada do Forte (Figura 1).

2ª) entre 1692 e 1700 – reiniciou a construção, principalmente na parte interna e nos alojamentos militares.

3ª) em 1780 – foi construída a igreja de Santo Inácio de Loyola, fundador da Companhia de Jesus, cujos membros são conhecidos por jesuítas. A partir daí, ou seja, 112 anos depois a fortificação também passou a ser chamada de Forte de Santo Inácio, porém, trata-se de uma alcunha, já que o seu verdadeiro nome é Forte de Tamandaré.

4ª) entre 1811 e 1814 – sob a direção do engenheiro Antônio Bernadino Pereira, construiu-se a casa da pólvora e realizaram-se restaurações em algumas construções, entre elas o corpo da guarda, a cadeia, o quartel da tropa, a cozinha e a casa do comandante.

5ª) entre 1904 e 1905 – importantes restaurações foram realizadas, tendo sido concluída em 22 de dezembro de 1905, cuja data está registrada nas duas laterais da parte superior da entrada (esta possui teto arqueado, sendo conhecida localmente por túnel), em algarismo romano e arábico (Figura 1). Assim, se forem consideradas as várias etapas de construções e restaurações, o Forte de Tamandaré só foi concluído após 237 anos de seu início. É interessante a forma como o ano de 1905 foi escrito nas duas laterais (Figura 1). Em algarismo arábico, à direita, faltou o número 1; já em algarismo romano, à esquerda, o número mil e novecentos, foi substituído apenas pelo IX (9), enquanto o 0 (zero) do algarismo arábico permaneceu, mesmo sem existir em algarismo romano. Parte dessas informações são registradas na faixa da frontal, porém, era em alto relevo, entretanto, com a reforma foram substituídas por simples pintura na parede, cujos elementos diferenciam um pouco do seu formato original.

**Figura 1:** Parte frontal do Forte de Tamandaré (PE).



Fonte: Manu Ferrão.

Durante o restante do século XX, o Forte praticamente não se submeteu a nenhum serviço de restauro. Assim sendo, o Forte apresentou muitos pontos em pré-ruínas, porém, embora de forma precária ainda fornecia condições para a população local e visitantes continuarem participando de eventos religiosos e sociais, além de passeios contemplativos.

Com o objetivo de fomentar o turismo no litoral sul do estado, entre 2015 e 2017, o Programa Nacional de Desenvolvimento do Turismo (PRODETUR), com recursos do Banco Interamericano de Desenvolvimento (BID) e do governo de Pernambuco, executaram obras de requalificação no Forte de Tamandaré, num custo estimado em R\$ 10.000.000,00. Ao considerarem a obra concluída (Figura 2), a inauguração ocorreu no dia 27 de julho de 2017, às 15h30min, com intensa participação da comunidade local, autoridades municipais e estaduais.

**Figura 2:** Vista aérea do Forte de Tamandaré, após requalificação.

Fonte: Edmar Paz.

O Forte foi utilizado em diversas ocasiões históricas, entre elas: a Revolução Pernambucana de 1817; na Confederação do Equador, em 1824; na Guerra dos Cabanos, entre 1832 e 1836; recebeu o Imperador Dom Pedro II, em 13 de dezembro de 1859; sediou as Forças Federais em 1898; na Revolução de 1930; na II Guerra Mundial, entre 1940 e 1945; na Revolução de 1964, entre tantos outros importantes eventos.<sup>7</sup>

Desde o início desta construção (área estimada em 5.600 m<sup>2</sup>) até 1978, ou seja, durante 310 anos, o Forte de Tamandaré teve ligação direta com o Exército, porém, a partir daí ficou sob guarda da Capitania dos Portos (Marinha), inclusive o farol. A edificação é tombada pela FUNDARPE - Fundação do Patrimônio Histórico e Artístico de Pernambuco, desde 1985, por sua importância cultural, portanto, um importante motivo para não tê-lo submetido a tantas transformações. As fortificações enquanto patrimônios tombados do estado de Pernambuco estão sobre as guardas das três esferas de governo (federal, estadual e municipal). À exceção das fortificações de Fernando de Noronha, é hoje o único forte pernambucano fora da área metropolitana da capital Recife.<sup>8</sup>

### **A relação do Forte de Tamandaré com os tamandareenses**

A arquitetura colonial compreende a arquitetura realizada entre o descobrimento do Brasil até sua Independência. Na Capitania de Pernambuco, a atividade arquitetônica só teve um grande impulso com a fundação das primeiras vilas: Olinda, Recife e Igarauçu, com construções geralmente com características europeias, usadas pelos engenheiros militares.

Os arquitetos e engenheiros militares trazidos pelos portugueses elaboravam o traçado das vilas e das fortificações litorâneas, que abrigavam peças de artilharia usadas em ataques por mar.

O Forte de Tamandaré apresenta planta no formato quadrangular abaluartada, em estilo do arquiteto militar francês Sébastien le Prestre de Vauban – onde de qualquer lugar pode constatar a presença do inimigo. Este sistema de fortificação tornou-se obsoleto no século XIX, com o desenvolvimento da artilharia, a qual aumentou a precisão e a distância de alcance e, mais ainda com o poder destrutivo dos armamentos utilizados a partir da Segunda Guerra Mundial, encerrando assim, as atividades dos Fortes com função militar.

Com ou sem utilização militar, o Forte de Tamandaré sempre foi contemplado pela população local, já que o mesmo faz parte do cotidiano de Tamandaré há 352 anos, sendo, portanto, a construção mais antiga da cidade.

É incalculável o legado gerado pelo Forte de Tamandaré. Este monumento histórico executou funções de defesa do território pernambucano, à época alvo de disputas políticas e mercantis. No pátio interno, ou seja, na Praça de Armas, o espaço era utilizado para atividade militar, mas era aberto ao público, onde a população local e visitantes constantemente participavam dos festejos religiosos e profanos, aumentando ainda mais os vínculos afetivos.

A igreja de Santo Inácio de Loyola foi construída no Forte de Tamandaré, no ano de 1780. Este santo foi o padroeiro de Tamandaré por 215 anos, quando a Diocese de Palmares, em 29 de junho de 1995, criou a paróquia de São Pedro, sendo este o atual padroeiro, enquanto Santo Inácio ficou como padroeiro emérito. Tal decisão gerou conflito na comunidade católica local, que foi atenuando com o tempo.

Para minimizar a ociosidade do Forte de Tamandaré, os órgãos governamentais ligados ao Patrimônio Histórico, buscaram com reformas estruturantes, adaptá-lo ao turismo cultural, porém, também tentam despertar na comunidade local, sobre a importância da continuação de sua participação nos mais diversos eventos promovidos nesta fortificação, cuja gestão ficou sob a responsabilidade da Prefeitura Municipal de Tamandaré, através da Secretaria de Meio Ambiente, que cobra uma pequena taxa (R\$ 5,00) de visitação, que é convertida na conservação do mesmo.

Os monumentos do passado não são ornamentos aleatórios, nem arcaicos, nem meros portadores de saber e de prazer, mas são parte importante do nosso cotidiano. A tomada da consciência cada vez mais forte do presente ligou-nos de tal modo ao passado, que ele se tornou parte integrante de nossa vida e mesmo do nosso desenvolvimento.<sup>9</sup>

Apesar de ter sido construído num passado distante, sempre foi parte integrante do cotidiano dos tamandareenses ao longo do tempo, no entanto, os nativos não mais o identificam como expressão do seu passado. A Secretaria Municipal de Meio Ambiente, administra o Forte de Tamandaré, que faz parte do Parque Natural Municipal do Forte de Tamandaré - PNMFT (Lei municipal n.13, de 10 de setembro de 2003). O PNMFT possui 349 hectares e contempla uma área terrestre, que inclui o Forte, seu entorno e o antigo cemitério; uma área marinha, que engloba a Zona de Recuperação Recifal de Tamandaré.

### **A requalificação do Forte de Tamandaré para o turismo**

O espaço litorâneo de Tamandaré tem sido ocupado de forma crescente, em função dos investimentos de apoio ao turismo, oriundo de diversas fontes de investimentos. Alguns projetos foram aprovados, com o objetivo de estimular o crescimento turístico, entre eles:

- (1) Projeto Costa Dourada - elaborado em 1990, e previa dois setores diferenciados de intervenções: o corredor turístico e os centros integrados de turismo, entre o litoral sul de Pernambuco e o litoral norte de Alagoas. No que se refere à criação de centros integrados de turismo, o Governo de Pernambuco concebeu, em 1993, o Centro Turístico de Guadalupe (CT Guadalupe), o qual foi formado pelos municípios de Rio Formoso, Sirinhaém e Tamandaré, porém, diante de diversas dificuldades (dificuldade de captação de investimentos e dos licenciamentos, por falta de saneamento básico, abastecimento de água, etc) não se concretizou.
- (2) PRODETUR primeira fase (PRODETUR/PE I) – este Programa de Desenvolvimento do Turismo, a partir 1994, além dos municípios acima referidos, também foram incluídos Recife, Olinda, Paulista e Ipojuca.
- (3) PRODETUR segunda fase (PRODETUR/PE II) – iniciado em 2002, objetiva complementar as ações iniciadas pelo PRODETUR I, e expandir os produtos turísticos, contribuindo para o desenvolvimento sócio-econômico.
- (4) Programa de Regionalização do Turismo: Roteiros do Brasil (PRT) – em 2004 foi representado por vários Projetos, entre eles o Projeto Corais, que previa a requalificação da cidade de Tamandaré; ordenamento da orla; implantação de infra-estrutura de saneamento; via de penetração Sul, ponte sob o rio Ariquindá, e restauração do Forte de Tamandaré.

Em agosto de 2013, foi assinada a Manifestação de Interesse Nº 004/2013/CEL-SETUR para contratação de serviços de engenharia visando a elaboração de projeto executivo para requalificação do Forte de Tamandaré, imóvel tombado pela Fundação do Patrimônio Histórico e Artístico de Pernambuco – FUNDARPE. O estado de Pernambuco, celebrou contrato de

empréstimo com o Banco Interamericano de Desenvolvimento (BID), com garantia prestada pela União Federal, na qualidade de mutuário e copartícipe do Programa Nacional do Desenvolvimento do Turismo. O IPHAN acompanhou as diversas fases desta reforma.

O GEO Sistemas – Engenharia & Planejamento, fundada em 1994, foi a empresa vencedora para executar o Projeto Executivo para Requalificação do Forte de Tamandaré, em 2014. Durante a sua elaboração e ajustes, nunca ouviu os nativos e, pouco se levou em consideração os órgãos públicos locais. Tal fato gerou polêmicas, já que muitas decisões foram tomadas de forma unilateral, por engenheiros e arquitetos. Alguns exemplos encontram-se a seguir, no item: Intervenção Arquitetônica no Forte de Tamandaré.

Os Projetos de Museologia e Museografia de Atrativos no Âmbito do PRODETUR Nacional / PE, contrato n. 18 / 2014 – Anteprojeto Forte de Tamandaré<sup>10</sup>, diversos museólogos e historiadores apresentaram propostas, definiram o acervo e funcionamento das exposições. Para tanto, seriam elaboradas imagens gráficas para cada ambiente, onde as perspectivas representariam o ambiente tridimensional, de forma a facilitar a compreensão e visualização dos cenários criados. Assim, alguns ambientes foram projetados, entre eles:

**SALA DE PERSONAGENS** – a proposta era fazer uma galeria dos personagens históricos e ilustres, que circularam por Tamandaré.

**SALA DE HISTÓRIA DO FORTE** – seria no espaço que foi dedicado à cadeia. Mostrar documentos e ilustrações que contém a história do Forte desde seu início. Também mostrar maquetes, plantas, fotos e desenhos, sobre o sistema de construção utilizado com pedra de recifes de arenito. Na cadeia teria uma remontagem cenográfica, produzida a partir de uma dramatização, sublinhando histórias de presos e seus modos de tratamento.

**SALA COLONIZAÇÃO / ENGENHO** – sublinhar a vida pré-colonial, mencionando sobre os nativos e da fauna e flora existente na cidade e seu entorno. Dar ênfase sobre as empresas do período colonial, a chegada dos conquistadores e suas atividades econômicas.

**SALA PATRIMÔNIOS (HIPERLINKS)** – com diversas mídias sobre o patrimônio cultural da região e os principais atrativos turísticos, que serão acessados por terminais de consulta individual e projeção de áudio-visual.

**SALA MULTIUSO / EXPOSIÇÕES TEMPORÁRIAS / PATRIMÔNIO SUBMERSO** – com capacidade de abrigar encontros diversos e exposições temporárias. Explorar a historiados naufrágios em Tamandaré, com um mapa dos tipos de navios e suas localizações e carga que transportavam.

RESERVA TÉCNICA – sala equipada para tratamento de acervo para restauro, servindo como laboratório para análise de materiais coletados para fazer parte da coleção.

SALA ALMIRANTE TAMANDARÉ / MARINHA – abordar a formação da esquadra naval brasileira e contar a história da Marinha do Brasil, a partir do ponto de vista do forte de Tamandaré, ilustrando as batalhas aqui ocorridas.

Tudo isto foi programado para despertar o interesse dos turistas e visitantes, entretanto, apenas esta última foi parcialmente concluída, mas diante da participação direta da administração do Forte, do CEPENE (Centro de Pesquisa e Conservação da Biodiversidade Marinha do Nordeste) e dos Secretários de Meio Ambiente (Manoel Pedrosa) e de Turismo (Lizete Maiole).

A proposta aprovada de requalificação, também contava com a implantação do Parque Urbano, composto por concha acústica, pista de cooper e tantas outras estruturas de lazer. Também teria em alguns locais, painéis de vidro serigrafados expondo paisagens com fatos históricos que ocorreram em Tamandaré, como por exemplo, uma esquadra à vapor na baía de Tamandaré, ou uma batalha existente (Figura 3).

**Figura 3:** Painéis de vidro serigrafados que seriam expostos durante a sua requalificação, expondo uma esquadra a vapor na baía de Tamandaré - esquerda, e uma batalha que ocorreu no Forte de Tamandaré - direita.



Fonte: Anteprojeto Forte Sto. Inácio de Loyola de Tamandaré, 2014.<sup>11</sup>

Também estava prevista uma sinalização luminosa e mapas de indicação de percursos, desde a chegada ao Forte até o acesso em todos os locais. Também consta os trabalhos arqueológicos direcionados ao Forte de Tamandaré. Assim sendo, a obtenção de informações sobre os seres humanos e a construção do espaço em tempos remotos, que se submetem a diferentes fases de construção e reconstrução, bem como perceber qual a sua provável configuração original.

Foram encontrados no decorrer dos trabalhos de sondagens arqueológicas: uns 5 esqueletos humanos, várias balas de canhão, pregos, cachimbos e dois fogões de pedra, entre outros objetos, no entanto, parte deste acervo ainda não se encontra no Forte, para que possa fazer parte do seu acervo. Seria interessante que a Marinha constituísse uma comissão com a função de verificar se algum material identificado como pertencente ao Forte de Tamandaré, está exposto em museus distribuídos pelo Brasil, para trazê-los ao seu local de origem.

Também existia a expectativa de encontrar o local onde enterraram as vítimas da Batalha de Tamandaré (1645) e da Confederação do Equador (1824) que totalizaram em cerca de 1.000 mortos. É possível que o Forte tenha possuído um cemitério de uso exclusivo, para enterrar os mortos vítimas de confrontos. O cemitério municipal que existe nas proximidades, não tem nenhuma ligação com o Forte, já que funcionou entre o início da década de 1940 até 1986, porém, é merecedor de uma completa restauração, pois nele estão os restos mortais de antigos habitantes que muito contribuíram, numa época difícil, para o engrandecimento de Tamandaré.

Fato interessante que ocorreu durante as escavações foi a descoberta de um alicerce enterrado a pouca profundidade que contorna externamente toda a muralha e o fosso. Este foi identificado pelos arqueólogos como sendo uma contra-muralha (Figura 4), elemento também considerado de defesa do Forte, porém, secularmente ficou coberta com uma fina camada de areia.

**Figura 4:** A muralha em ruína (à esquerda), o fosso assoreado com pouca água (no centro) e a contra-muralha (à direita), elementos pertencentes ao Forte de Tamandaré.



Fonte: Manoel Pedrosa.

Uma secular crença falada pelos tamandareenses, é que no interior do Forte existia um túnel subterrâneo para facilitar a retirada dos militares, no caso de precisarem escapar do inimigo. No entanto, as escavações nada encontraram.

Seguindo a visão histórica desta cidade, é que houve a necessidade de registrar neste trabalho, os fatos ocorridos na requalificação/reforma do Forte de Tamandaré. Portanto, as futuras gerações devem entender que a atual geração sempre foi favorável a uma restauração, porém, a reforma realizada não teve aceitação dos tamandareenses, por se tratar do mais importante patrimônio histórico e cultural que foi descaracterizado.

### **A intervenção arquitetônica no Forte de Tamandaré**

Ao longo dos séculos, as fortificações perderam o destaque nas paisagens do litoral brasileiro, tendo muitas se transformado em ruínas irrecuperáveis. Aquelas que conseguiram resistir às severas agressões do tempo e dos homens, entre elas o Forte de Tamandaré. Assim sendo, os profissionais que tiveram o poder de decidir sobre esta reforma, deveriam agir de forma o menos impactante possível, e que respeitassem a história de um povo que sempre valorizou a sua história. É notório que houve mudanças das técnicas de defesas e, os Fortes perderam suas funções iniciais de proteger o litoral. Portanto, para terem suas estruturas físicas preservadas, os Fortes devem trocar suas funções militares e assumirem novos usos e demandas, passando a servir como elementos históricos e turísticos-culturais.

O Forte de Tamandaré se encontrava em péssimo estado de conservação e, com constante elevação dos espaços em ruínas. Recuperá-lo foi um desejo de décadas, pois aquela paisagem de desprezo gerava um sentimento de tristeza entre os tamandareenses. No entanto, diante do vínculo da população para com esse bem maior, todos tinham a certeza que qualquer intervenção pública ou privada, respeitaria a sua originalidade, mesmo porque, obras que preservam a sua antiguidade tendem a ser mais atrativas do que a modernidade com semblante sem as características do passado.

Pelo exposto, era esperado que os profissionais responsáveis pelo planejamento arquitetônico do Projeto de reforma do Forte de Tamandaré, iriam realizar uma audiência pública, e assim entender a importância da preservação deste patrimônio, deixando-o mais semelhante possível com sua construção original. As poucas reuniões que ocorreram foi no sentido de expor algumas informações, porém, sem nenhum espaço para mudanças de metas.

Esse processo de mudança estrutural que submeteram o Forte de Tamandaré não foi o tão desejado restauro, mas uma reforma do tipo requalificação, já que não se preservou a sua

originalidade, promoveu mudanças na estrutura dos elementos históricos e criou-se um espaço com novas formas de ocupação. A troca do tipo de material utilizado deve ser o máximo evitado, pois toda intervenção deve ocorrer a partir de pleno conhecimento histórico.

O discurso central da requalificação urbana evidencia a tentativa de inclusão social em espaços revalorizados e com novas funções em áreas de entretenimento e lazer, onde relações sociais includentes seriam reforçadas.<sup>12</sup>

É positivo os projetos direcionados ao turismo darem nova funcionalidades aos espaços em desuso, no entanto, quanto ao Forte de Tamandaré a restauração não foi aplicada. Se assim tivessem agido, é possível que o monumento fosse turisticamente bem mais atrativo. Ao adotar as mudanças arquitetônicas protegidas no sistema de requalificação, modificou a estrutura física deste patrimônio histórico, secularmente tão defendido por nossos antepassados. É facilmente perceptível que o corpo técnico não levou em consideração a história da cidade e de seus habitantes, assim, tal fato faz com que a legitimação da reforma não seja totalmente aceita, já que os valores históricos não foram resgatados.

A parte positiva da requalificação foi a criação de 15 novos empregos diretos e a criação de mais uma opção turística para Tamandaré. Embora a inauguração tenha ocorrido no dia 27 de julho de 2017, de acordo com a administração do Forte, neste ano foi visitado por 9.592, sendo 1,2% de estrangeiros; em 2018 foi visitado por 12.765 pessoas, sendo 1,3% de estrangeiros; em 2019 foi visitado por 10.026 pessoas, sendo 6,3% residentes em Tamandaré (maioria estudantes levados pelas escolas), 50% de outras localidades pernambucanas, 42,2% de outros estados brasileiros e, 1,5% de estrangeiros. Os valores mostram que entre 2017 e 2019 ocorreu uma pequena elevação na visitação estrangeira, no entanto, houve uma grande diminuição quanto ao número geral de visitantes, cuja média mensal foi de 1.600 pessoas em 2017; 1.063 pessoas em 2018 e, 835 pessoas em 2019. Tal fato necessita de uma análise mais aprofundada, mas essa redução anual de visitantes é possível que esteja vinculada a expectativa destes em verem um Forte restaurado, mas o que viram foi uma reforma radical e o uso de material historicamente inapropriado, que pouco empolgou para retornarem ou aconselharem a visitação de outros turistas.

Apesar da população local ter sido favorável a eliminação das ruínas que estavam afetando a maior parte do Forte de Tamandaré, esta entende que a reforma provocou uma ruptura no elo que os tamandareenses tinham entre o passado e o presente. Ao se ocultar a relevância arquitetônica que existia por mais de três séculos, o que se viu foi a arquitetura moderna se sobrepondo sobre um monumento idealizado pela engenharia militar do século

XVII, além de supostamente ter demonstrado um certo descaso com a história dos tamandareenses e por tudo que o Forte de Tamandaré representou.

Embora estando amparados por normas oficiais da FUNDARPE e entidade financiadora do referido projeto, mesmo assim, deveria se levar em consideração a luta de um povo que deseja ver a sua história respeitada. Essa relação entre a arquitetura e urbanismo moderno, existe o sentimento do anti-historicismo nos movimentos contemporâneos.<sup>13</sup>

O Forte de Tamandaré, que acolheu uma diversidade de fatos históricos durante mais de três séculos, deveria merecer do IPHAN (Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional) e da FUNDARPE, uma atuação menos comprometida com a arquitetura moderna, tendo em vista que descaracterizou parcialmente este importante Patrimônio Material, a partir do momento em que a modernidade ocupou o espaço do tradicional.

O IPHAN é uma instituição que o grupo modernista atua com o objetivo de implantar um projeto cultural moderno e integrador da diversidade do Brasil, seguindo as linhas mestras do movimento modernista.<sup>14</sup>

A memória coletiva, secularmente tem atuado no sentido cuidar dessa herança histórica-cultural, entendendo que o Forte de Tamandaré deve ser preservado para as próximas gerações, já que se trata de uma das principais identidades dos habitantes desta cidade.

As marcas impregnadas numa construção, revelam o que as mãos de homens manejaram, o que suas forças executaram e seus olhos contemplaram<sup>15</sup>. Seguindo esta premissa, o Forte de Tamandaré guarda em si as técnicas, o suor, o sangue e a vida de centenas de homens que de forma bastante precária, entre os séculos XVII e XVIII, retiraram as madeiras no engenho Mamucabas (à 6 km de Tamandaré). As pedras de recifes de arenito oriundos de Porto Calvo<sup>16</sup>, pertencente a Capitania de Pernambuco até 1817, quando foi criada a Província de Alagoas. Os recifes de arenito são rochas originadas da cimentação normalmente por carbonato de cálcio em bancos de areia.

A retirada dos blocos de pedras não foi tarefa fácil, pois só podia realizar durante a maré baixa, e o material extraído era colocado em precárias embarcações (tipo jangada ou canoa) para serem desembarcadas na orla. Depois de acumular uma certa quantidade de material, uma embarcação maior era carregada com as pedras, transportando-as por cerca de 70 km, entre Porto Calvo e a baía de Tamandaré. Nessa localidade, praticamente todos os homens que estavam trabalhando na construção do Forte, paravam as suas atividades para tirar as pedras das embarcações. Para tanto, o esforço era sobre humano, já que no mar, andavam com água na

altura do pescoço. Chegando ao continente, ainda caminhavam dezenas de metros para deixarem as pedras de vários tamanhos e pesos, o mais próximo possível da obra.

As pedras deveriam receber um tratamento adequado e permanecerem embelezando a fortificação e encantando os turistas. Por todo esse esforço e dedicação dos nossos antepassados, elas jamais deveriam ser retiradas ou escondidas por uma cortina de cimento, diante de um passado de glórias que tanto enalteceu a história de Tamandaré e da mata sul pernambucana. Mesmo porque, as primeiras informações transmitidas por pessoas envolvidas diretamente com a obra, é que dariam prioridade a técnica da anastilose, onde nas reconstruções das áreas em ruínas, usariam os elementos arquitetônicos originais. Mas na realidade, na muralha, rampa e no piso do terraço se utilizou cerca de 1.500 m<sup>2</sup> de pedra rachão, oriunda de pedreira localizada em Jaboatão dos Guararapes - PE. Diante deste fato, não se pode continuar afirmando que as pedras do Forte de Tamandaré vieram apenas de Porto Calvo. Mesmo porque, nossos antepassados nunca aceitaram a versão dos recifes de arenitos utilizados no Forte de Tamandaré serem oriundos de Porto Calvo, assim, passaram informações por gerações, que estes foram retirados da própria plataforma continental ao largo de Tamandaré.

A manutenção do monumento e que todas as partes sejam respeitadas como testemunhos da história e do tempo. Visando evitar conflitos, as intervenções restauradoras devem ocorrer após prévio conhecimento da comunidade diretamente a elas ligadas.<sup>17</sup>

A seguir, serão relacionados os principais procedimentos que mais impactaram a população local. Na realidade, tais decisões poderiam ter sido evitadas, pois se houvesse a preservação da originalidade, além de enaltecer a história deste lugar, a fortificação ficaria turisticamente mais atrativa para essa nova forma de ocupação.

1 – O uso de argamassa (reboco) sobre as pedras de parte da muralha e das paredes dos imóveis do pátio interno (Figura 5) foi também um fato que muito contrariou os nativos. O uso de pedras em construções, sempre proporcionou segurança e beleza, portanto, eram dignas de permanecerem expostas e seguirem a sua história.

**Figura 5:** Muralha e interior do Forte de Tamandaré, com paredes rebocadas durante a requalificação.



Fonte: Manu Ferrão.

2 – A demolição da varanda da casa do comandante (Figura 6). Palco de tantos eventos históricos, a sua permanência só seria salutar, já que protegeria do sol e da chuva, a parede frontal deste imóvel. O espaço da varanda permaneceu, mas por terem retirado o telhado, ela foi transformada num longo corredor.

**Figura 6:** Varanda da casa do comandante - à esquerda, que foi demolida com a requalificação do Forte de Tamandaré - à esquerda.



Fonte: Maria do Carmo Ferrão.

3 – Um enorme quadro de distribuição de energia foi fixada na parede externa do lado esquerdo da igreja de Santo Inácio de Loyola (Figura 7). Este templo religioso há 240 anos é extremamente respeitado por católicos deste município, portanto, com tanta diversidade de

opções de paredes, este deveria ter ficado em outro local, mesmo porque fica bastante próximo da porta lateral da igreja. Por ficar muito próximo do acesso para o interior do Forte, o quadro faz parte da primeira visão captada pelos visitantes, portanto, neste momento contribui em gerar um impacto visual negativo.

**Figura 7:** Igreja de Santo Inácio de Loyola com um quadro de distribuição de energia que ocupou quase toda a parede lateral.



Fonte: Isaac Ferrão.

4 – O centenário altar-mor da igreja de Santo Inácio de Loyola, situado ao fundo e voltado para a porta principal (Figura 8), foi construído pelas mãos de nossos antepassados artesãos, com madeira de lei oriunda da mata Atlântica do engenho Mamucabas. Este foi extraído do seu local de origem, estando até o início do ano de 2020, sem nenhuma solução, apesar de algumas pessoas estarem se mobilizando para financiar a sua construção.

**Figura 8:** Altar original da igreja de Santo Inácio de Loyola - à esquerda, e sem altar depois da requalificação - à direita.



Fonte: Maria do Carmo Ferrão.

5 – Dois canhões pequenos, secularmente fixados no chão das duas laterais da entrada principal do Forte e, no centro da Praça de Armas, sempre existiram como símbolo desta fortificação (Figura 9). Se estes foram transferidos para as canhoneiras das muralhas, mesmo assim é injustificável, pois a entrada do Forte sempre teve sua estética preservada.

No Forte de Tamandaré existiam 28 canhões (24 de ferro e 4 de bronze), sendo a maioria de grande porte, portanto, acima de 4,0 m. Nos últimos anos só restaram 16 peças de artilharia, variando entre 1,7 m a 3,3 m de comprimento, porém, a metade composta pelos de menor tamanho. Apesar da retirada de diversos canhões pertencentes ao patrimônio histórico desta fortificação, jamais as peças foram vistas pela população local, sendo transportada por qualquer meio de transporte.

**Figura 9:** Entrada do Forte de Tamandaré sem canhões, depois da requalificação - à esquerda, e com canhões laterais e no centro da Praça de Armas - antes da requalificação - à direita.



Fonte: Maria do Carmo Ferrão.

6 – O uso de vidro temperado nas janelas, portas e paredes, substituiu a madeira, pedra e alvenaria existentes originalmente. Material moderno tomando o espaço daquele guardado na memória visual dos nossos antepassados. Seria bem menos impactante se os quartéis do lado norte ficassem com suas paredes de pedras, portanto, deveriam ter tirado apenas as divisórias entre os quartéis, para ampliar o espaço da sala multiuso/auditório, mas optaram por parede fixa de vidro, a qual se ao menos fosse móvel, daria condições de abri-la para o lado da Praça de Armas, durante os grandes eventos. Tal material foi utilizado em muitos espaços, deixando o ambiente distante do seu original, garantido apenas na memória dos nativos.

Ao lado da sala multiuso, deixaram em condição de ruína, uma parede original da casa de pólvora (Figura 10). Tal fato junta a fase histórica e a sem história, portanto, reforça o quanto teria sido positivo em todos os sentidos, se houvesse a restauração do Forte, em substituição à reforma realizada.

**Figura 10:** Parede original preservada da casa de pólvora em contraste com a sala de multiuso - à direita, que possui paredes e porta de vidro temperado.



Fonte: Isaac Ferrão.

7 – O Forte de Tamandaré era bastante arborizado, porém, durante a requalificação houve a supressão da totalidade da cobertura vegetal interna e, parte da área externa. Com isto, provocou a elevação da temperatura ambiente, a fuga de animais silvestres e, a ausência de um senso estético bastante harmonioso. Todo o solo interno foi recoberto por grama esmeralda, inclusive externamente, na entrada do Forte.

8 – As telhas dos quartéis do Forte de Tamandaré sempre foram sustentadas por madeira, porém, foi substituída por estrutura metálica, a qual foi montada desde o piso, dando a entender que as robustas paredes não suportariam o peso do telhado (Figura 11). Apesar da facilidade na aquisição do material original, optaram pelo uso de metal que tende a enferrujar rapidamente, pela ação da maresia oriunda da proximidade com o mar, já que o vento carrega gotículas de água com sais minerais que se alojam nas mais diversas superfícies. Quanto às telhas francesas que cobriam os diversos imóveis, estas foram substituídas por telhas cerâmicas tipo canal, contemporâneas, apesar das primeiras ainda serem fabricadas no Brasil.

**Figura 11:** Estrutura metálica de apoio aos telhados, e paredes rebocadas durante a requalificação, no interior do Forte de Tamandaré.



Fonte: Manoel Pedrosa.

Mesmo com tantas mudanças estruturais e de materiais utilizados, que contribuíram para a descaracterização do Forte de Tamandaré, não ocorreu o desenraizamento dos nativos, já que continuam se sentindo guardiões deste importante Patrimônio Histórico.

Dentre os diversos segmentos da atividade turística, o turismo cultural se destaca por possuir como principal atrativo aspectos da cultura humana, tendo por finalidade a valorização da história, do cotidiano, dos saberes de uma comunidade, tanto por parte dos visitantes como por parte dos visitados.<sup>18</sup>

Quando há o reconhecimento e preservação do patrimônio local, o turismo cultural é incentivado e, dependendo do planejamento ou da sua ausência, a atividade turística, como qualquer outra atividade de cunho econômico, pode trazer benefícios ou prejuízos à comunidade receptiva. A cidade de Tamandaré possui potencialidade para crescer turisticamente, desenvolvendo atividades com foco na visitação dos atrativos naturais, culturais e históricos.

Nas discussões sobre o segmento do turismo cultural, se considera que seu desafio é “ensinar” ao visitante, por meio de informações sobre a história do local, portanto, torna o

patrimônio mais do que um objeto de mera contemplação, mas sobretudo um meio de conhecer a cultura a partir da percepção da identidade do local visitado.<sup>19</sup>

Na geografia cultural, foi criado o termo topofilia para descrever o elo afetivo entre a pessoa e o lugar ou ambiente físico.<sup>20</sup> Uma pessoa pode ter uma relação de familiaridade com lugares de maneira topofílica ou topofóbica. Este mesmo autor assinala também a necessidade de esforços para criar uma empatia no turista em relação à vida e os valores da comunidade visitada, porém, isso só é possível por meio da interpretação do patrimônio.

O Forte de Tamandaré construiu a sua história, conferindo-lhe uma estrutura de resistência em manter fatos culturais que o tornaram reconhecido nacionalmente, portanto, a referida fortificação apresenta-se para os tamandareenses como um lugar da memória, identidade e afetividade. Foi bastante alterada a paisagem desta fortificação, porém, ficou preservada nas lembranças do passado e nas fotografias, as quais são testemunhas da história local, o cotidiano e as simbologias.

Os moradores de Tamandaré sentem-se apegados, beneficiados e privilegiados por desfrutar desta fortificação. Apesar de o terem transformado num Forte estilizado, o respeito pelo passado torna-se um elemento importante na luta pela preservação do mais antigo patrimônio deste lugar.

O Forte de Tamandaré representa um tecido vivo desta cidade, portanto, os turistas devem saber que este é de fundamental importância na história e cultura da população local. Neste projeto de requalificação, parece que a preocupação foi em criar espaços direcionados para a população flutuante, e não para a população local comprometida com a preservação da sua história, entretanto, a utilização do patrimônio cultural não deve servir apenas ao turismo, mas a sociedade como um todo.

### **Considerações Finais**

Buscou-se com este trabalho refletir sobre o uso do Forte de Tamandaré (Pernambuco) e as implicações que o processo de requalificação gerou, já que se distancia do tradicional, portanto, tal fato não condiz com a realidade, já que os seres humanos possuem grande interesse em conhecer e preservar o cotidiano dos seus ancestrais.

Em Tamandaré se busca promover o desenvolvimento da economia local através do turismo, já que é a sua maior vocação. Neste setor, o PRODETUR entendeu que o Forte era uma grande oportunidade para incentivar o turismo no litoral sul de Pernambuco, porém, dá a

entender que aceitou as decisões oriundas da equipe técnica da FUNDARPE e demais órgãos de apoio e contratado, em detrimento da opinião dos nativos cuja participação foi nula.

Toda intervenção realizada no patrimônio cultural para atribuir-lhe novo uso, deve respeitar a materialidade e os aspectos imateriais do imóvel. Assim, a originalidade do Forte de Tamandaré poderia ter sido preservada o máximo possível, e desta forma atenderia as reivindicações da população local. O turista, embora seja um consumidor ocasional, também ficaria satisfeito ao saber que nesta cidade, o seu único sítio do tipo fortificação é zelosamente preservado.

De um modo geral, a reforma desta fortificação histórica foi benéfica para sua estrutura física, cuja ruína estava rapidamente se ampliando, portanto, a alternativa encontrada para facilitar a aprovação de verba federal, foi atrelar a construção ao uso turístico, tão intenso no litoral pernambucano. O que se questiona é a forma como os técnicos e responsáveis procederam, pois não levaram em conta o sentimento de preservação enraizado na cultura local e, a própria história do patrimônio modificado.

É recomendável que a equipe gestora do Forte de Tamandaré, continue cada vez mais ampliando o cronograma de atividades culturais, promovendo ações capazes de inserir a população do centro da cidade, da periferia e da zona rural, para que possam reconhecer-se como parte desse espaço, já que ainda persiste um certo conflito devido o patrimônio histórico ter sido tratado como artigo passível de ser comercializado. A não cobrança para a visita dos habitantes do município é algo positivo, que pode se somar com a valorização dos artistas locais, nos eventos promovidos no interior do Forte de Tamandaré, assim como, as vagas de emprego e de ocupação dos espaços comerciais, serem priorizadas para a população deste município.

Por tudo aqui exposto, podemos afirmar que a inauguração realizada em 2017, foi parcial, já que apenas parte das metas foram cumpridas. Neste contexto, a PRODETUR, FUNDARPE e demais órgãos envolvidos, devem unir esforços para executarem a sua segunda fase, a qual teve as obras inicialmente aprovadas e não realizadas, além, de aproveitarem a oportunidade para restaurar pelo menos parte das estruturas históricas que faziam parte do Forte de Tamandaré.

## Notas

- <sup>1</sup>BOXER Charles Ralph. *Os holandeses no Brasil 1624-1654*. Brasileira. vol 312. São Paulo: Companhia Editora Nacional. 1957. P. 242.
- <sup>2</sup>IBGE. 2019. *Censo*. Disponível em: <https://cidades.ibge.gov.br/brasil/pe/tamandare/panorama>, Acesso em: 15 de dezembro de 2019.
- <sup>3</sup>SANTOS, Maria do Carmo Ferrão. *Tamandaré a história de um município*. Tamandaré, 2000. 115 p.
- <sup>4</sup>BARRETO, Carlos Xavier Paes. *O Rio Formoso*. 2ª. Edição. Rio de Janeiro: Aurora, 1955. P. 32.
- <sup>5</sup>SANTOS, Maria do Carmo Ferrão. *Tamandaré a história de um município*. Tamandaré, 2000. P. 54 a 58.
- <sup>6</sup>idem
- <sup>7</sup>idem. P. 60 a 68.
- <sup>8</sup>DIÁRIO DE PERNAMBUCO. Turismo. *Forte de Tamandaré passa por requalificação e é transformado em museu*. Recife, 27 jul. 2017. P.1.
- <sup>9</sup>CHOAY, Françoise. *A alegoria do Patrimônio*. Publicação original em francês, em 1992. Tradução de Luciano Vieira Machado. São Paulo: UNESP, 2001. P. 23.
- <sup>10</sup>PROJETO PRODETUR. Forte Sto. Inácio de Loyola de Tamandaré. Antiprojetos de museologia e museografia de atrativos no âmbito do PRODETUR nacional/PE. 2014. 31p.
- <sup>11</sup>Idem. P. 16.
- <sup>12</sup>PEIXOTO, Paulo. *Requalificação urbana*. In: FORTUNA, Carlos; LEITE, Rogerio (Org.). Plural de cidade: novos léxicos urbanos. Coimbra: Edições Almedina AS. 2009. P. 3.
- <sup>13</sup>LOCATELLI, Vittorio. *Le Corbusier, la storia, la conservazione: tre lettere attraverso i testi*. Milão: Franco Angeli, 1990. P. 11.
- <sup>14</sup>GUEDES, Maria Tarcila Ferreira. *O lado doutor e o gavião de penacho: movimento modernista e patrimônio cultural no Brasil: o Serviço do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (SPHAN)*. São Paulo: Annablume, 2000. P. 23.
- <sup>15</sup>RUSKIN, John. *Las siete lámparas de la arquitectura*. Barcelona: Atla Fulla, 1988. P. 208.
- <sup>16</sup>BARRETO, Carlos Xavier Paes. *O Rio Formoso*. 2ª. Edição. Rio de Janeiro: Aurora, 1955. P. 39.
- <sup>17</sup>CHOAY, Françoise. *A alegoria do Patrimônio*. Publicação original em francês, em 1992. Tradução de Luciano Vieira Machado. São Paulo: UNESP, 2001. P. 125.
- <sup>18</sup>BARRETO, Margarete. *Turismo e legado cultural: as possibilidades do planejamento*. Campinas, SP: Papirus, 2000. P. 54.
- <sup>19</sup>CHIOZZINI, Daniel. *Turismo cultural e educação patrimonial mais próximos*. Patrimônio – Revista Eletrônica do Iphan. P. 6. Disponível em: <<http://www.labjor.unicamp.br/patrimonio/materia.php?id=147>>. Acesso em: 9 dez. 2019.
- <sup>20</sup>TUAN, Yi-Fu. *Topofilia: um estudo da percepção, atitudes e valores do meio ambiente*. Trad. Lúvia de Oliveira. São Paulo: DIFEL, 2012. P. 48.

## Referências

- BARRETO, Carlos Xavier Paes. *O Rio Formoso*. 2ª. Edição. Rio de Janeiro: Aurora, 1955. 133p.
- BARRETO, Margarete. *Turismo e legado cultural: as possibilidades do planejamento*. Campinas, SP: Papirus, 2000. 96 p.
- BOXER Charles Ralph. *Os holandeses no Brasil 1624-1654*. Brasileira. vol 312. Companhia Editora Nacional. São Paulo. 1957. 487 p.

CHIOZZINI, Daniel. *Turismo cultural e educação patrimonial mais próximos*. Patrimônio – Revista Eletrônica do Iphan. Disponível em: <<http://www.labjor.unicamp.br/patrimonio/materia.php?id=147>>. Acesso em: 9 dez. 2019.

CHOAY, Françoise. *A alegoria do Patrimônio*. Publicação original em francês, em 1992. Tradução de Luciano Vieira Machado. São Paulo: UNESP, 2001. 288p.

DIÁRIO DE PERNAMBUCO. Turismo. *Forte de Tamandaré passa por requalificação e é transformado em museu*. Recife, 27 jul. 2017.

GUEDES, Maria Tarcila Ferreira. *O lado doutor e o gavião de penacho: movimento modernista e patrimônio cultural no Brasil: o Serviço do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (SPHAN)*. São Paulo: Annablume, 2000. 103 p.

IBGE. 2019. *Censo*. Disponível em: <https://cidades.ibge.gov.br/brasil/pe/tamandare/panorama>, Acesso em: 15 de dezembro de 2019.

LOCATELLI, Vittorio. *Le Corbusier, la storia, la conservazione: tre letture attraverso i testi*. Milão: Franco Angeli, 1990. 163 p.

PEIXOTO, Paulo. *Requalificação urbana*. In: FORTUNA, Carlos; LEITE, Rogerio (Org.). *Plural de cidade: novos léxicos urbanos*. Coimbra: Edições Almedina AS. 2009.

PROJETO PRODETUR. Forte Sto. Inácio de Loyola de Tamandaré. *Antiprojetos de museologia e museografia de atrativos no âmbito do PRODETUR nacional/PE*. 2014. 31p.

RUSKIN, John. *Las siete lámparas de la arquitectura*. Barcelona: Atla Fulla, 1988. 250 p.

SANTOS, Maria do Carmo Ferrão. *Tamandaré a história de um município*. Tamandaré, 2000. 115 p.

TUAN, Yi-Fu. *Topofilia: um estudo da percepção, atitudes e valores do meio ambiente*. Trad. Livia de Oliveira. São Paulo: DIFEL, 2012. 288 p.